

A produção musical como espaço formativo: um estado da arte

Comunicação

GTE 07: Educação musical em espaços alternativos de formação

ALEXANDRE AUGUSTO DA SILVA PEIXOTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
xandaovijantes@gmail.com

Resumo: Este trabalho parte do entendimento que a produção musical constitui-se como um processo de aprendizagem que se articula com a aprendizagem colaborativa descentralizada e com as novas tendências tecnológicas (Kebach, 2008; Beltrame, 2016; Alves, 2020; Cotrim, 2020; Araújo, 2022). Deste modo, busca-se entender qual o panorama do debate acadêmico sobre a relação entre Educação Musical e Produção Musical, tendo, portanto, como objetivo averiguar o patamar do debate acadêmico sobre a produção musical enquanto um processo educativo. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado que está em fase de desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB). De viés qualitativo, foi desenvolvido um estado da arte que alcançou três publicações que, após a análise profunda, possibilitou a discussão acerca das contribuições formativas inerentes à produção musical. Foi percebido, em aspectos gerais, uma relação direta com a autonomia na aprendizagem, a aprendizagem colaborativa e a cultura participativa digital.

Palavras-chave: Educação musical, Produção musical, Aprendizagem colaborativa, Autonomia, Cultura participativa digital.

Introdução

Já é reconhecido pela área de educação musical que os processos de aprendizagem não se resumem às aulas de música nas instituições escolares, visto que a educação é uma prática social (Penna, 2008). Se pararmos para pensar, antes mesmo da criação da instituição escolar já existiam o ensino e a aprendizagem de música. A transmissão de conhecimento pela cultura oral remota a 70 mil anos A.C., quando os seres humanos passaram a se comunicar de forma mais eficaz devido a chamada Revolução Cognitiva, possibilitando a criação de rituais, mitos e histórias que eram passadas de geração em geração (Harari, 2020). Podemos considerar que esses rituais, mitos e histórias constituem parte da cultura de um povo, cultura

que está constantemente sendo absorvida, reelaborada e transformada a partir de processos educativos.

Os diversos aspectos da vida em sociedade, moldados pela diversidade cultural, são cada vez mais observados como campo para experiências concretas de aprendizagem musical. Para Figueiredo: “O ensino e a aprendizagem musical acontecem em diferentes espaços, com diferentes atores assumindo papéis distintos configurando processos extremamente diversos em termos do que pode ser identificado como ensinar e aprender música” (2010, p. 157).

Gohn (2008, 2010) nos explica que existem espaços diversos com potencial educativo, o próprio espaço do trabalho tem caráter pedagógico, sendo espaço de formação. No mundo profissional da música, especificamente, existem diversos processos que culminam em espaços educativos, como a prática em conjunto, a criação de arranjos, a produção musical, etc.

Segundo Macedo (2007), a produção musical vem sofrendo várias modificações ao longo da história acompanhadas, principalmente, pelo desenvolvimento das tecnologias de produção e reprodução de som, como o surgimento da fita magnética, que permitiu a edição do som; a gravação por camadas (overdubs) possibilitando gravar uma nova camada sonora ouvindo e sem apagar a anterior; e a gravação multipistas, onde vários canais de áudio passaram a ser gravados simultaneamente. O autor ainda destaca que:

Hoje a **produção em estúdio** se dá através de cinco fases bem definidas: pré-produção, gravação, edição, mixagem e masterização, realizadas através do **trabalho conjunto** de uma equipe de profissionais – produtores, cantores, instrumentistas, arranjadores, técnicos e engenheiros de som (Macedo, 2007, p.1, grifo nosso).

Assim, podemos ainda observar o caráter colaborativo de uma produção musical em estúdio, envolvendo vários processos e profissionais que somam seus conhecimentos e habilidades para imprimir, da melhor forma, um fonograma que representa a estética e as principais ideias em torno de uma composição musical.

No Brasil, alguns pesquisadores têm se debruçado a entender a produção musical como um processo de aprendizagem que se relaciona com a criação musical, um dos pilares da educação musical, nos diversos contextos sociais, se articulando com a aprendizagem

colaborativa descentralizada e com as novas tendências tecnológicas (Kebach, 2008; Beltrame, 2016; Alves, 2020; Cotrim, 2020; Araújo, 2022).

Diante do exposto até o momento, podemos considerar que há uma contribuição formativa no processo de produção musical. Buscamos, assim, entender: qual o panorama do debate acadêmico sobre a relação entre Educação Musical e Produção Musical?

Assim, esta pesquisa procurou averiguar o patamar do debate acadêmico sobre a produção musical enquanto um processo educativo.

Segundo Penna (2015) “a ciência avança pelo entrecruzamento de inúmeras pesquisas e iniciativas individuais” (p. 69). Assim, esta pesquisa visa contribuir com essa frente científica, sendo mais uma investigação da área da Educação Musical, avançando nos achados e suprimindo lacunas ora existentes.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Música-PPGM da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da professora Dra. Juciane Araldi Beltrame e se constitui como um estado da arte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa por buscar identificar, registrar e categorizar o avanço do debate acadêmico entre temáticas (Morosini; Fernandes, 2014).

Foi realizado um levantamento da produção científica indexada ao portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que trata das temáticas Educação Musical e Produção Musical. Vale destacar que o mesmo levantamento foi realizado por meio da plataforma Scielo e não foram encontrados resultados.

Essa pesquisa concentrou-se, portanto, nas publicações que envolvessem os seguintes descritores de seleção: presença dos termos “educação musical” e “produção musical” em qualquer parte do trabalho, publicados nos últimos 20 anos (tempo máximo disponibilizado pela plataforma) e em português. A coleta dos dados ocorreu no mês de abril de 2025.

Como resultado inicial, foram encontradas 7 publicações. Em seguida, foi verificado, por meio da identificação do objeto de estudo de cada publicação, quais delas dialogavam

com a temática levantada. Após essa análise, apenas 3 publicações se mostraram relevantes, cuja leitura foi realizada na íntegra a fim de encontrar possíveis consensos na literatura acadêmica na busca de responder ao objetivo proposto.

Resultados

A análise proposta neste artigo baseia-se no encontro de três publicações que, de alguma forma, trazem contribuições para a problemática desta pesquisa, buscando identificar se há relação entre elas, suas peculiaridades e semelhanças.

O artigo “Práticas e aprendizagens de produtores musicais: aspectos de uma educação musical emergente na cultura digital e participativa” de Juciane Araldi Beltrame, investigou quais e como se dão as aprendizagens que emergem das práticas de produção e divulgação da música na cultura participativa digital. A autora observou, a partir dos relatos de três músicos entrevistados em sua pesquisa que estavam envolvidos com a prática de produção musical, uma aprendizagem mais plural, colaborativa (entre pares) e descentralizada, convergindo para uma educação musical que “valorize o potencial de cada pessoa envolvida em experiências musicais diversas, mostrando diferentes aprendizagens no campo da música.” (Beltrame, 2018, p. 53)

Já o artigo “Produção musical na periferia: processos educacionais na potencialização da identidade cultural” dos autores Luis Darlan Gomes Faria Filho e Carlos Augusto Pinheiro Souto, através de um autorrelato da atuação de um educador e produtor musical, a contribuição da produção musical acessível à jovens da periferia na potencialização de sua cultura e nos processos de aprendizagem musical local. Os autores observaram que tal atuação fortalece a identidade cultural local, impulsionando “construções de conhecimento músico-sócio-cultural a partir da interação, troca de opiniões, criação, reformulação ideias a partir das discussões.” (Faria Filho; Souto, 2022, p. 257)

Por fim, o terceiro trabalho analisado é o artigo de Fabiano Lemos Pereira, intitulado “Curso de extensão musicalização por estação de trabalho de áudio digital: relatório de experiência da primeira oferta de curso”, relata os desdobramentos de um curso de extensão online em produção de música digital. Os achados indicam melhoria na percepção musical

devido à apreciação instantânea da escrita musical digital, além do desenvolvimento da autonomia musical e da prática de composição em grupo (Pereira, 2022).

Em relação ao contexto das pesquisas observamos um locus de estudo diversificado, possibilitando explorar a temática sob pontos de vista distinto. Músicos beatmakers (Beltrame, 2018), jovens artistas da periferia (Faria Filho; Souto, 2022), e músicos iniciantes (Pereira, 2022) se relacionam com as formas de aprendizagem superpostas no processo de produção musical de maneiras peculiares, com diferentes concepções, inspirações e motivações. Este cenário pode diminuir a possibilidade de uma análise prejudicada por viés de generalização.

A análise nos possibilitou identificar três categorias de análise: autonomia na aprendizagem; aprendizagem colaborativa; e cultura participativa digital. Discutidas a seguir.

Autonomia na Aprendizagem

Uma constatação recorrente nos trabalhos é quanto a contribuição do processo de produção musical no desenvolvimento da autonomia do aprendiz. Pereira (2022), ao analisar os desdobramentos das práticas associadas à produção musical em aplicativos DAW (Estação de Trabalho de Áudio Digital), observou que:

Com a escrita programada diretamente em aplicativos, estes entregam o feedback imediato necessário ao menos para saber se o som escrito confere com o gabarito, trabalhando melhor a percepção do aluno ao comparar a audição do som que ele escreveu – reproduzido pelo computador – com o áudio do gabarito, além de desenvolver sua **autonomia musical**. (Pereira, 2022, p. 163 grifo nosso)

Já a pesquisa de Beltrame (2018) traz a autonomia como uma qualidade do que a autora chama de apropriação. Segundo a autora:

A apropriação é traduzida no empoderamento e nas autorias que os entrevistados constroem tanto na forma de aprender e aprimorar seus conhecimentos musicais quanto na forma como criam e produzem suas músicas. (Beltrame, 2018, p. 47)

Observem que os termos “empoderamento” e “autorias” estão relacionados às formas de aprender e aprimorar os seus conhecimentos através da criação e confluem com a ideia de autonomia aqui tratada, indo ao encontro com o que afirma Kebach (2008):

A criação de um espaço de apelo à expressão, recriação, criação, exploração, apreciação, etc., a partir de atividades de musicalização e do confronto dos pontos de vista diferentes entre os sujeitos, significa a abertura de possibilidade à livre expressão [...] e ao mesmo tempo a **cooperação**. O sujeito não apenas dispõe de um espaço para a construção do conhecimento musical, mas desenvolve sua capacidade de **autonomia**.” (Kebach, 2008, p. 47 grifo nosso)

Pereira (2022, p. 126) observa ainda que “O não exercício da criatividade acarreta a falta de autonomia”. Sendo assim, podemos considerar que a produção musical, como um espaço de criação, estimula o aprendiz a assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem, uma aprendizagem autônoma.

Aprendizagem Colaborativa

Outra constatação retratada nas pesquisas analisadas é o caráter coletivo e colaborativo das aprendizagens que emergem de uma produção musical.

Para Faria Filho e Souto (2022, p. 257) “a educação musical no processo de produção musical não define quem ensina e quem é ensinado, mas sim possibilita constantemente experimentações, nas quais o aprendiz alcança todos os envolvidos”. Esta constatação corrobora com a ideia de aprendizagem em rede entre pares trazida por Beltrame (2018, p. 50), quando observa que “no home studio ocorre um tipo de aprendizagem em rede, na qual cada membro é responsável por tudo o que acontece, e não existe uma linearidade ou uma ordem pela qual os conhecimentos são construídos”.

A ideia de aprendizagem em rede vai ao encontro do que Cotrim (2020) chama de Polissonia. Segundo o autor:

A dinâmica da Polissonia diz respeito às relações coletivas de trocas de saberes, impressões e visões de mundo neste ambiente pedagógico. A experiência aqui ocorre, portanto, na Polissonia. O cruzamento de experiências e de aprendizados, que produzem simultaneamente camadas de reflexões sobre a criação musical em ambiente de estúdio eletroacústico é objeto de análise agora, sob a perspectiva da Polissonia. Considera-se que neste contexto é fundamental a relação dialógica entre aluno e professor que é alimentada pelas ações práticas e criativas dos estudantes, nas discussões e orientações realizadas em sala de aula. (Cotrim, 2020, p. 149)

Os relatos trazidos por Pereira (2022) também apontam este caráter colaborativo de aprendizagem entre o professor e o aluno, de forma que o conhecimento é construído a partir de exercícios de criação que promovem a interação entre eles. Segundo o autor:

No decorrer do curso realizado, foram propostos diversos exercícios de composição a partir de elementos previamente dados. O Bandlab for education permite que o professor crie faixas de arquivos de áudio e MIDI que aparecem para o aluno, que pode manipular livremente e acrescentar ou remover itens. Com isso, algumas estratégias foram criadas, como completar compassos vazios a partir de melodias, ritmos percussivos ou harmonias dadas, acrescentar sons aos elementos MIDI dados ou mesmo modificar algum item propositalmente errado. (Pereira, 2022, p. 164)

Este relato retrata de forma prática o que afirma Beltrame (2018) sobre os aspectos da educação musical nas produções musicais no contexto das mídias, uma educação que “se faz pelo diálogo, pela promoção de práticas que interligam diferentes repertórios, meios e materiais, **numa perspectiva pedagógica que ocorre de forma coletiva, entre pares**” (p. 52, grifo nosso).

Neste sentido, cada autor, ao seu modo e circunstância, observou a potencialidade da produção musical em propiciar um ambiente formativo mediado pela prática criativa colaborativa, que gera uma rede horizontal de saberes e estimula a aprendizagem colaborativa.

Cultura Participativa Digital

Os trabalhos de Beltrame (2018), Faria Filho e Souto (2022) e Pereira (2022) conduzem a discussão para as experiências no contexto da cultura participativa digital, com foco nas produções realizadas em home studios e/ou aplicativos DAW, e direcionadas para as mídias digitais. Segundo Barros (2020) as práticas da cultura participativa digital proporcionam “engajamento e compartilhamento de saberes e criações na construção do conhecimento, sendo o indivíduo protagonista de seu aprendizado” (Barros, 2020, p. 17). Podemos assim identificar uma relação ativa entre estas práticas com as outras duas categorias identificadas nesta pesquisa, uma aprendizagem conectada à autonomia e a colaboração.

Pereira também observa a importância de elementos da produção musical neste contexto para a formação e atuação de músicos na contemporaneidade. Segundo o autor:

Elementos comuns da produção musical, como mixagem, programação MIDI ou mesmo refletir sobre o processo de produção musical, foram presentes no curso. Comumente o processo de musicalização convencional foca em conteúdo voltado apenas para a performance e teoria musical, ora para a composição – como em Schafer (1991) –, porém totalmente desvinculados de qualquer processo de gravação de áudio; o aluno deve realizar cursos separadamente em momento posterior. No entanto, ao se pensar em músico profissional ou mesmo amador do século XXI, tais competências nos parecem inerentes às práticas musicais atuais, independente de ser música erudita ou popular, e acreditamos que o processo de musicalização deva vir acompanhado dessas atividades, principalmente se pensado para jovens e adultos. (Pereira, 2022, p. 164)

Outro fator importante na cultura participativa digital é a relação com as novas tecnologias digitais. Beltrame (2018, p. 52) nos explica que “A produção não é mais propriedade de gravadoras, assim como a relação com o saber não é mais centrada na figura de um professor ou de uma instituição de ensino”. Com o avanço tecnológico, a produção musical profissional deixou de ter centralidade em grandes gravadoras, tornando-se acessível à artista em diversos estágios profissionais e formativos. Faria Filho e Souto (2022) corroboram com essa análise ao afirmar que:

A evolução para a prática da produção musical acessível, no que diz respeito a acessibilidade de custos para o estudo dessa produção musical, ocorreu somente ao final do século XX, por meio da evolução das tecnologias digitais, que foram aos poucos barateando equipamentos e possibilitando que um computador, por exemplo, pudesse sequenciar pistas de áudio e manipulá-las. (Faria Filho; Souto, 2022, p. 244)

Assim, podemos afirmar que as práticas de produção musical emergentes na cultura participativa digital ampliam e democratizam as possibilidades de aprendizagens musicais entre os envolvidos se articulando e potencializando o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem colaborativa.

Considerações Finais

Como visto anteriormente, os trabalhos analisados se concentram no contexto da cultura participativa digital, abrindo espaço para conduzir esta discussão no contexto de estúdios profissionais e seus diversos processos, como: a instrumentação com instrumentos

orgânicos; a criação de arranjos para instrumentos e vozes; a utilização de ambientes com tratamento acústico adequado; e a utilização de técnicas específicas de gravação e microfonação.

Sendo assim, podemos considerar que investigar as contribuições formativas inerentes à produção musical nos diversos contextos profissionais tem sua importância para a área da Educação Musical, contemplando produções digitais e orgânicas, ampliando assim, as dimensões da aprendizagem musical.

Os resultados podem agregar substancialmente as recentes discussões sobre novas tendências curriculares no campo da música, como ocorrido no Grupo de Trabalho (GT-1) “Currículos em música para o século XXI: proposições para as mudanças necessárias nos cursos de graduação em música do Brasil” do XXXIV Congresso da Anppom, onde foi apresentado, como proposta inovadora, a estrutura curricular e diretrizes do recente curso em Música Brasileira Popular atualmente ofertado pela UFPB. Estes aprendizados podem indicar estratégias para a inserção da produção musical como conteúdo desta nova estrutura curricular, se articulando com as diversas práticas da Educação Musical.

Referências

ALVES, D. R. *Formação de músicos-produtores em processos de produção musical em estúdio*. 2020. 125f. Dissertação, Mestrado em Educação Musical, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22327?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2025.

ARAÚJO, W. C. de. *Aprendizagens musicais geradas pelas experiências de criação musical online de beats no projeto #30dias30beats*. 2022. 144f. Dissertação, Mestrado em Educação Musical, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26343?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2025.

BARROS, M. H. da F. Educação musical, tecnologias e pandemia. *Ouvir ou Ver*, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 292-304, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1083>. Acesso em 14 jul. 2025.

BELTRAME, J. A. Práticas e aprendizagens de produtores musicais: aspectos de uma educação musical emergente na cultura digital e participativa. *Revista da ABEM*, [S. l.], v. 26, n. 41, 2018. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/780>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BELTRAME, J. A. *Educação musical emergente na cultura digital e participativa: uma análise das práticas de produtores musicais*. Tese, Doutorado em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11033>. Acesso em: 14 jul 2025.

COTRIM, R. M. B. *Práticas pedagógicas criativas musicais em ambiente de estúdio eletroacústico: experiência e polissonia em sala de aula*. 2020. 183 f. Tese, Doutorado em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13185/Cotrim%2c%20Ricardo%20Murtinho%20Braga.%20Pr%C3%a1ticas%20Pedag%C3%b3gicas%20Criativas%20Musicais%20em%20Ambiente%20de%20Est%C3%badio%20Eletroac%C3%bastico%20-%20Experi%C3%aancia%20e%20Polissonia%20em%20Sala%20de%20A.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em : 08 jul. 2025.

FARIA FILHO, L. D. G.; SOUTO, C. A. P. Produção musical na periferia: processos educacionais na potencialização da identidade cultural. *Periferia*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 239–260, 2022. DOI: 10.12957/periferia.2022.63494. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/63494>. Acesso em: 7 abr. 2025.

FIGUEIREDO, S. L. F. de. Considerações sobre a pesquisa em educação musical. In. FREIRE, V. B. (org). *Horizontes da Pesquisa em Música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 155-175.

GOHN, M. da G. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, M. da G. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HARARI, Y. N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. 51. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

KEBACH, P. F. C. Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo. 2008. 301f. Tese, Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13272/000642435.pdf?sequence>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MACEDO, F. A. B. O processo de produção musical na indústria fonográfica: questões técnicas e musicais envolvidas no processo de produção musical em estúdio. *Revista Eletrônica de Musicologia*. v. 11, 2007. Disponível em:
<http://www.rem.ufpr.br/REM/REMV11/12/12-macedo-gravacao.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. *Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções*. Educação Por Escrito. Rio Grande do Sul, v.5, n. 2, 2014, p. 154-164.

PENNA, M. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

PENNA, M. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

PEREIRA, F. L. Curso de extensão musicalização por estação de trabalho de áudio digital: relatório de experiência da primeira oferta de curso. *Expressa Extensão*, v. 27, n. 2, p. 155-166, 28 abr. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/22254>. Acesso em: 11 abr. 2025.